

Sarney ataca presidente e Serra

Senador garante que Fernando Henrique põe a democracia em perigo e acusa candidato tucano de promover espionagem

ANA MARIA CAMPOS

BRASÍLIA – O ex-presidente da República José Sarney (PMDB) usou a tribuna do Senado para acusar o candidato tucano, José Serra, de utilizar o aparato do Estado para promover espionagem política. Em defesa da filha Roseana, governadora do Maranhão e candidata do PFL ao Planalto, afirmou que o presidente Fernando Henrique Cardoso seria conivente com tais métodos. Não apresentou provas, apenas exibiu recortes de jornais e revistas para reforçar seus argumentos. Garantiu que o presidente põe a democracia em perigo ao colocar o poder a serviço da perpetuação de um mesmo grupo no governo.

A reação do PSDB não se fez esperar. O líder do governo no Senado, Artur da Távola (RJ), tão logo Sarney terminou o libelo acusatório, subiu à tribuna. Obedecendo à estratégia tucana de reduzir a mero arrobo paterno o discurso do ex-presidente, Távola concedeu: "Sei o que ele deve estar sofrendo como pai." Ao se referir ao discurso afirmou que as palavras do senador eram dignas de "um excelente romancista." No fim da noite, Serra divulgou uma curta nota na qual considerou "inconsistentes, irrelevantes e até mesmo alopradadas", as acusações feitas a ele. "Devemos fazer o possível para evitar que a campanha eleitoral e o processo judicial sobre as irregularidades na Sudam virem um bate-boca", afirmou o candidato tucano à Presidência.

Sarney anunciou que vai à Organização das Nações Unidas pedir a fiscalização internacional da eleição presidencial este ano. Ao levantar dúvidas sobre o processo organizado pelo Tribunal Superior Eleitoral, não mencionou que o sistema eleitoral do País, com o uso de urnas eletrônicas, já é adotado em várias nações por ser considerado um dos mais seguros do mundo.

O uso de reportagens de jornais e revistas foi recorrente. Adotou-os para reforçar a acusação de que a espionagem e os dossiês nascem no Ministério da Saúde e envolvem o candidato tucano. Disse que Serra adotou a mesma fórmula para afastar adversários políticos dentro do PSDB, como o ministro da Educação, Paulo Renato, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e o ministro da Fazenda, Pedro Malan.

O sogro endossou o relato do genro para a fortuna encontrada

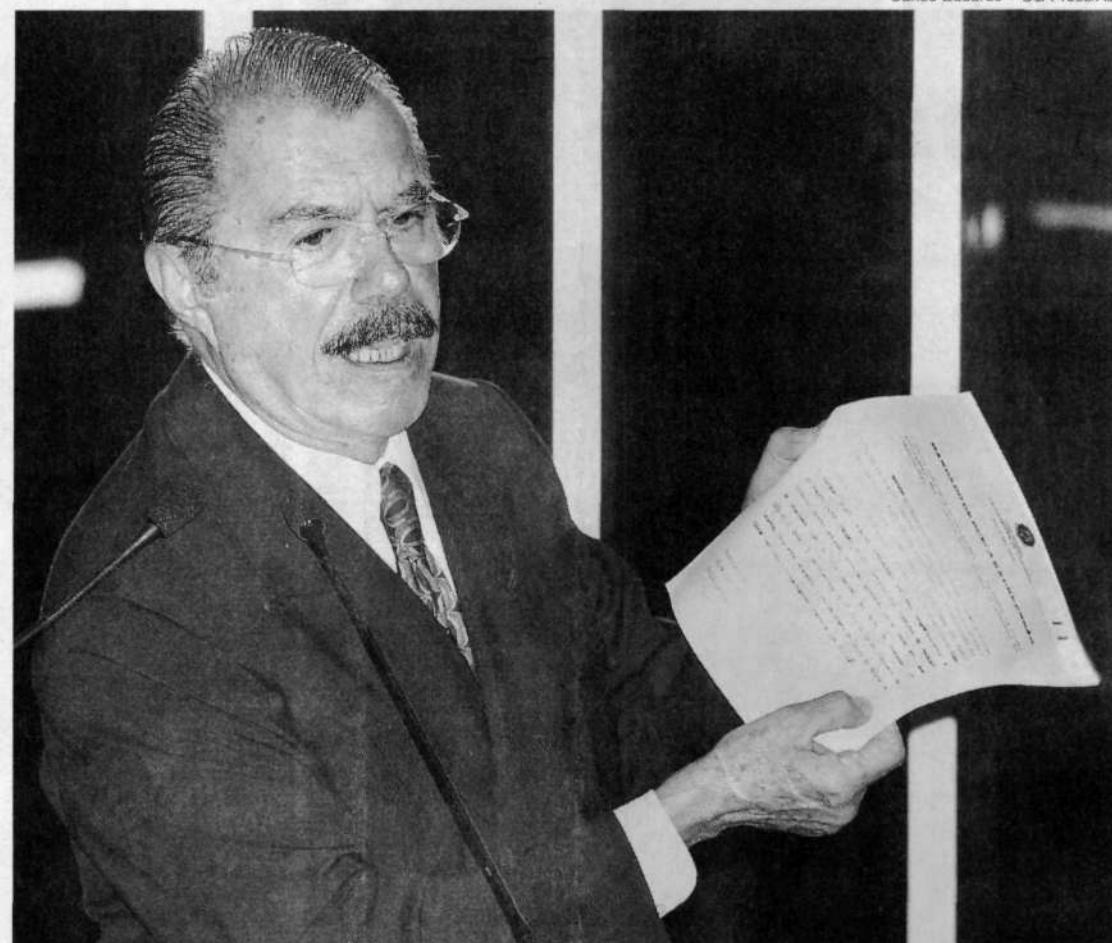
no cofre da Lunus – seria uma doação para a campanha eleitoral. Atribuiu a responsabilidade pela arrecadação a Murad, mas tratou o assunto como algo rotineiro na política brasileira.

Na ânsia de defender o marido da filha, o senador do PMDB do Amapá recorreu a um adversário do presidente. Contou que o ex-senador Antônio Carlos Magalhães viu, em 1994, o então senador Andrade Vieira (PTB-PR) entregar R\$ 5 milhões à pré-campanha de Fernando Henrique. Levantou dúvidas também sobre os recursos aplicados na eleição de FH, citando reportagem de jornal.

Tenso, num discurso de 43 páginas, Sarney comparou a operação de busca e apreensão da Polícia Federal na Lunus com métodos da Inquisição, da Gestapo e do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Garantiu que o processo conduzido pelo Ministério Público Federal é uma montagem e a ação na empresa foi "arbitrária" e "ilegal", executada para afastar Roseana da sucessão e favorecer Serra.

Sarney anunciou que vai à Organização das Nações Unidas pedir a fiscalização internacional da eleição presidencial este ano. Ao levantar dúvidas sobre o processo organizado pelo Tribunal Superior Eleitoral, não mencionou que o sistema eleitoral do País, com o uso de urnas eletrônicas, já é adotado em várias nações por ser considerado um dos mais seguros do mundo.

O uso de reportagens de jornais e revistas foi recorrente. Adotou-os para reforçar a acusação de que a espionagem e os dossiês nascem no Ministério da Saúde e envolvem o candidato tucano. Disse que Serra adotou a mesma fórmula para afastar adversários políticos dentro do PSDB, como o ministro da Educação, Paulo Renato, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e o ministro da Fazenda, Pedro Malan.



Sarney acusou governo Fernando Henrique de transformar a Polícia em instrumento de política

Os alvos e as denúncias do ex-presidente

Compra de votos

"O presidente tem parado na Câmara processo de impeachment, pedido por renomados advogados, que o acusam de compra de votos para sua reeleição."

Arbitrio

"No momento em que a independência judiciária é agregada à influência do Executivo, morre o Parlamento e não há mais liberdade, porque some o equilíbrio dos Poderes. Nasce o arbitrio."

Espionagem

"Na Saúde, o ministro Serra multiplicou gastos com empresa de ex-chefe de telecomunicações eletrônicas do SNI e professor da Polícia Federal."

Caixa 2

"O senador Antônio Carlos conta que viu, em 1994, o senador Andrade Vieira entregar R\$ 5 milhões como contribuição à pré-campanha do presidente Fernando Henrique."

Processo

"José Serra responde a processo por improbidade administrativa e por reparação de danos ao Erário. Alguém invadiu algum local para procurar comprometê-lo ou atrás de pistas que pudesse ligá-lo às acusações?"

Culpa

"Quem executou tudo isso? A Polícia Federal. A quem está hierarquicamente sujeita? Pela ordem, ao superintendente de Palmas, depois ao seu diretor-geral,

ao ministro da Justiça e, ao final, ao presidente da República."

Fax para FH

"É no mínimo estranho um fax ao Presidente comunicando o sucesso da operação."

Vigilância Internacional

"Eleições limpas, sem esses métodos. Se isso não ocorrer, irei bater às portas da ONU, da OEA, do Interaction Council e onde for necessário, pedindo observadores para as eleições"

R\$ 1,34 milhão

"O Sr. Jorge Murad recebeu doação de pré-campanha. Que a Justiça apure a legalidade."

A mídia, que acusa e vigia

Se em seu discurso o senador José Sarney (PMDB-AP) usou reportagens e artigos de jornais para fundamentar acusações contra o governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso lançou mão de igual expediente para se defender. Ainda no Chile, horas antes de voltar ao Brasil, FH respondeu com a mesma moeda à ameaça do senador, de pedir acompanhamento de observadores da Organização das Nações Unidas (ONU) para garantir a correção das eleições de outubro – responsabilidade da Justiça Eleitoral e dos partidos políticos. "Quem vigia as eleições no Brasil é a mídia", devolveu. "Não precisa de mais ninguém."

Na balança do humor dos políticos, os meios de comunicação oscilam nos papéis de mocinho e bandido. Há uma semana, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, queixava-se do tom do noticiário sobre as investigações da Polícia Federal na empresa da família. Enquanto isso, seu pai colecionava denúncias publicadas contra os atuais adversários para montar o discurso. Lembrou até do escândalo Watergate, denunciado pela imprensa em 1974, quando o presidente americano Richard Nixon renunciou sob acusação de mandar espionar o Partido Democrata.

Fernando Henrique disse não acreditar nas declarações do senador, e elogiou o PFL. "É um partido muito importante, que ajudou nas reformas", disse. "Estou empenhado pessoalmente em garantir que o PFL continue votando e apoiando o governo." Ele considera responsabilidade sua recompor a aliança do PSBD com o PFL para garantir a governabilidade.